

2

**Futebol:
sonhos,
paixões
e cultura**

JORGE OLÍMPIO BENTO

RESUMO

O autor deste ensaio é um apaixonado pelo futebol. Isso não o inibe de olhar com preocupação o panorama que, paulatinamente, se vai implantando em torno do espetáculo futebolístico. Assim, o ensaio intenta despertar a necessidade de realização de estudos que apresentem o estado da arte no tocante ao ideário desportivo, aos sonhos e virtudes imanentes ao futebol, face ao avanço do pragmatismo e utilitarismo em todas as áreas, nomeadamente no setor da educação. A remissão discursiva e prática daquele ideário impõe-se com carácter de urgência.

Palavras-chave: futebol, ideário desportivo, sonhos, remissão discursiva e prática, pragmatismo e utilitarismo.

ABSTRACT

The author of this essay is a football enthusiastic. However, that does not preclude him from looking with concern at the scenario that has gradually been setting in around football show. Thus, the aim of this essay of to raise awareness of the need for studies that reveal the state of art concerning the sport's guiding principles, the dreams and virtues intrinsic to football, as we are faced with pragmatism and utilitarianism in every field of knowledge, namely in the education domain. It is therefore imperative that we urgently restore those principles, both in discourse and practice.

Keywords: football, sport's guiding principles, dreams, restoration through discourse and practice, pragmatism and utilitarianism.

*“Eles não sabem, nem sonham,
que o sonho comanda a vida,
que sempre que um homem sonha
o mundo pula e avança
como bola colorida
entre as mãos de uma criança”*
(António Gedeão,
“Pedra Filosofal”).

INTRODUÇÃO: RAZÃO E OBJETIVO DESTE ENSAIO

O tema que me foi proposto tratar constitui uma espécie de “presente grego”. Assemelha-se a um convite para jogar futebol num piso ensaboadado, dada a dificuldade em penetrar e jogar, com postura equilibrada, na escorregadia complexidade e densidade, bem como na intrincada rede de subtemas que o perfazem. Sob a aparência da simplicidade esconde-se um emaranhado de ramificações divergentes e sem indicação de sentido, a ponto de se poder dizer que estamos perante um labirinto de entrada fácil, de circulação interna assaz difícil e de saída feliz quase impossível ou, no mínimo, nada airosa.

O texto gostaria de ser um ensaio instigante, buscando configurar, quiçá debalde, uma expressão conciliatória da especulação intelectual e da inquietude

existencial. Não se espere, pois, uma peça de recorte científico, com fundura filosófica e sociológica; fique antes o leitor de sobreaviso de que irá ser metido no caminho de uma divagação eivada de contradições e ausente de respostas para as questões que levanta.

Por conseguinte o autor dar-se-ia por satisfeito se despertasse a curiosidade e o interesse de alguém em tomar como objeto de estudo e esclarecimento um assunto tão candente e cheio de ambiguidades, para cuja abordagem nos falta manifestamente a ferramenta básica. Não pertencemos à(s) área(s) científica(s) que se ocupa(m) do tema, nem nos seduz o embarque no diletantismo, porquanto este não passa de um verniz estaladiço que, ao mais ligeiro arranhão, deixa ao léu a ignorância.

Nesta conformidade aceitamos laborar sobre esta problemática, dada a cumplicidade pessoal e institucional e, sobretudo, por obrigação cívica, ética e profissional. Com efeito um académico é um ser bidimensional; logo não pode enclausurar-se dentro do mosteiro universitário e fechar-se à tentativa de compreensão e indagação do contexto social, nem tampouco driblar o imperativo de intervir neste, mesmo que isso acarrete o perigo de expor publicamente a fragilidade, superficialidade e até a nudez dos seus conhecimentos e competências.

Porém não adianta soltar lágrimas e lamentações perante um muro que não arreda pé e nos desafia a escalá-lo, por mais agreste e escarpado que se erga diante

Como o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa não elimina todas as diferenças ortográficas observadas nos países que têm o idioma português como oficial, foi mantida a grafia original do texto.

JORGE OLÍMPIO BENTO é professor catedrático e diretor da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto (Portugal).

de nós. Sem mais delongas, vamos arregaçar as mangas e meter mãos à obra. No final ver-se-á se as feições do produto logrado correspondem ao fim projetado.

DOS SONHOS: NECESSIDADE DE REMISSÃO DISCURSIVA E PRÁTICA
Começemos por afirmar que o desporto em geral e o futebol em particular necessitam, como de pão para a boca, de sair da defensiva e assumir a ofensiva de questionar a configuração que lhes está sendo dada, as instrumentalizações que lhes são impostas, os interesses que lhes são cada vez mais associados e a terminologia linguística que prolifera na boca dos seus especialistas e protagonistas (dirigentes, atletas, treinadores, jornalistas, comentadores, políticos, etc.). Creio não ser excessivo afirmar o seguinte: um grande número de atores não se dá conta do papel que lhe é atribuído, nem do modo como o desempenha, num enredo que escapa, muito provavelmente, à sua compreensão.

O que não tem palavras não existe; somente existe aquilo que, a toda a hora, é evocado nas linguagens que nos envolvem e condicionam. Como diz Adrienne Rich, poetisa norte-americana, “as palavras são propósitos”, “são mapas”, são cartografias das vias a seguir.

No caso vertente, o idioma predominante nos espaços mediáticos adotou o linguajar do “economês”, encarregando-se de retirar ao futebol a roupagem axiológica, imagética e simbólica e de o reduzir, assim, a mera mercadoria. Se prestarmos atenção, o futebol é exclusivamente acomodado nos braços da economia, envolto em termos tais como: indústria, gestão, *marketing*, mercado, contratos, negócio, empresários e quejandos. Nos órgãos mediáticos, diga-se sem risco de exagerar, só muito raramente se lê ou ouve uma palavra que evoque a matriz idealista que fundou tanto o desporto dos helenos como o da Modernidade. Em vez de sonhos deparamo-nos com pesadelos.

Não censuramos o facto de o futebol, como o desporto em geral e todos os domínios culturais, estar ligado às mais diversas externalidades e ser instrumentalizado em função delas. Longe disso! Questiona-se, sim, é se não estará demasiado atado e sobrecarregado com fins extrínsecos, a ponto de não se descortinarem os intrínsecos. Cresce a dúvida se o equilíbrio entre ambos se mantém. Como está a relação entre o *princípio da utilidade* (externalidades ou valores extrínsecos) e o *princípio da felicidade* (valores intrínsecos)?

Pergunta-se, portanto, se o mensageiro transportará a mensagem original ou se ela foi entretanto deitada fora, ao longo e nas margens do caminho.

Ainda podemos sustentar e ver no futebol o ideário tradicional do desporto, o imaginário de virtudes internas, de alegorias e metáforas nele investidas, exercidas e adquiridas? Estará ele ultrapassado? Será possível renová-lo e retomá-lo? Não sucedeu com ele a mesma coisa que se passou com os princípios e valores da Modernidade, do Humanismo e Iluminismo? Ou com a ética republicana e a democracia? O que trouxeram para o desporto e o futebol a Pós-Modernidade e a pós-democracia, cujo ar cheira a podre e é asfíxiante?

Não subjaz a estas interrogações a intenção de um frustrante apelo ao passado e à irrealizável tarefa de o trazer de volta. Isso não nos passa pela cabeça. O tempo não volta para trás. A motivação é futurista; proclama a urgência de proceder a uma remissão discursiva, suscetível de animar e sustentar uma remissão prática do legado imaterial, cultural, ético e estético daqueles períodos. Notoriamente muitas das suas expectativas, projeções, ideais e promessas continuam a aguardar concretização. Claro está, não na forma e nas proclamações de antanho, mas em formulações consoantes às necessidades e ao vazio do presente.

Manifestamente o ambiente atual é tóxico no concernente a princípios e valores, causas e utopias. Porém não se pode viver sem o oxigénio e a luz dessas categorias; sem a sua presença não sabemos para onde ir, os caminhos a percorrer, os horizontes a fitar e admirar. Para piorar a situação, sucede que o vácuo nunca fica por preencher. O vazio de padrões éticos, estéticos e morais, de pendor positivo, é ocupado pelo seu contrário, isto é, pelo inumano, pela regressão civilizacional, pelo retorno da animalidade galopante.

Essa apreciação implica a obrigatoriedade de lançar um olhar pedagógico, antropológico, cultural, estético, ético e filosófico (isto é, pedagógico e educativo) sobre o contexto cultural global. Implica uma tomada de consciência acerca do modelo de homem que está sendo proposto e moldado nas instâncias (escola, universidade, órgãos mediáticos, agentes e domínios culturais, esfera política, etc.) que influem sobre tal projeto.

“Se podes olhar, vê. Se podes ver, repara” – intimou José Saramago no *Ensaio Sobre a Cegueira*. Se olharmos em redor, com a devida acuidade, constatamos a implementação paulatina de uma “lógica” ou mentalidade de fábrica, apostada em impor o predomínio do *Homo faber* e *eficiens* sobre todas as outras

dimensões. Os indivíduos estão a nascer, a crescer e a ser “educados”, melhor dizendo, formatados como peças robotizadas. A formação e a forma cedem o lugar à formatação e à fôrma, a sensibilidade e o arsenal de sentidos da vida veem-se endurecidos e esmagados pela rudeza do império utilitário; a espiritualidade e a racionalidade e outros instrumentais que facetam o Ser Humano são desdenhados como devaneios passadistas, experimentam uma acentuada recessão, face ao avanço do pragmatismo e utilitarismo.

Em nome do reforço da aquisição de conhecimentos básicos está na forja uma educação escolar “ca-beçuda”, de costas voltadas para a corporeidade e as expressões, ignorando as modificações operadas, nas últimas décadas, na paisagem e cultura lúdicas e motoras disponibilizadas às crianças e adolescentes. Os jogos e brincadeiras não têm mais o corpo como intermediário; as vivências e experiências são de natureza indireta, afetando seriamente o desenvolvimento motor e emocional infante-juvenil, com repercussões não desprezíveis nos índices de socialização, hoje francamente deficitária. Porém isso não gera apreensão. Pasmem-se, os pregoeiros e tagarelas “mercadológicos” e neoliberais querem eliminar do *curriculum* escolar a educação física e desportiva, como se esta não fosse também basilar! A sua demagogia, populismo e gula são insaciáveis. Não lhes bastando o abocanhamento da Universidade, vão ao cúmulo da desfaçatez de advogar a ligação da escola às empresas!

Em alta está a formatação dos indivíduos como máquinas desidratadas de inquietudes e pulsões humanistas e altruístas, com dificuldades em viver sem ser de maneira digital e virtual. As “novas” criaturas olham, pela mira de uma tecnologia hipostatizada, o palácio do mundo, entram em transe de êxtase bovina e cuidam-se sábias.

Zygmunt Bauman (2010) lança achas para a fogueira:

“As emergentes indústrias de biotecnologia e o advento da genotecnologia revelam a obsessão de ‘engenheirizar os assuntos humanos’, de transformar não só conceitualmente o modo como vemos a vida, mas a vida, a passagem de *homines mortales* a pós-humanos, a uma trans-humanidade [...] Todas as mercadorias e serviços à disposição dão ênfase, em última instância, à manutenção da prática da arte da vida livre de todas as coisas e atos incômodos, embaraçosos, demorados, inconvenientes, desconfortáveis, dominados pelo risco e incerteza do sucesso. O que se procura é o pouco

esforço e um atalho para a satisfação do desejo, e isso se espera encontrar nas prateleiras de lojas e nos catálogos comerciais”.

Essa visão almeja tanto a procriação como o aperfeiçoamento do corpo, a produção de talentos e campeões desportivos. Se ela se consumisse, a exercitação corporal, o treino e a prática do desporto teriam os dias contados, assim como tudo quanto lhes é inerente e se adquire num processo de labor esforçado, porfiado e suado.

A isso acresceria o desaparecimento do desporto como substituto da praça pública e da missa campal de outrora na ordenação da cidade e da vida urbana. O estilo de *bunker* e condomínio não teria contraponto, agravando a crescente perda de ligação com o outro, do pouco erotismo que, mal e porcamente, expressa uma individualidade quase inexistente, destrutiva e capturada pela pulsão da morte.

Para Ser Humano não é possível desligar o *ser* do *estar*. É-se humano, na medida em que se está na vida não como canibal, mas cultivando a observância de normas de trato humano. Mais, não somos abutres, insetos, rastejantes ou vermes; somos humanos e, portanto, devemos ter as qualidades e noções correspondentes a essa categoria.

A “instrução”, oficial e oficiosamente consagrada, escamoteia estas perplexidades e passa ao largo destes anseios; favorece a obediência cega, garante um certo entontecimento dos indivíduos no interesse da funcionalidade, banaliza o sério e sagrado, sacraliza o banal, o fútil e o entretenimento.

Digamo-lo sem colocar peias nas palavras, ela visa tornar os indivíduos gordos e obesos de conhecimentos de plástico, mas não repara que eles ficam magros e até esqueléticos em termos de ética, moral, consciência, sabedoria, lucidez e humanidade. E isso não acontece por acaso; os poderes vigentes apostam interesseira e estrategicamente na formatação de indivíduos alheios e ineptos para contestar o défice de responsabilidade civil, criminal e moral (muito maior do que o défice financeiro e causador deste) e a desordem existencial por ele provocada, que primem pela indiferença, achem tudo inevitável ou “normal” e se limitem a encolher os ombros.

Contra isso se levantam muitas vozes conscientes da amputação que vem sendo praticada na edificação da condição humana. De entre elas, trago à colação o testemunho de Bento Domingues (2011): “O ser humano não é só *Homo faber*, máquina de trabalho. Precisa

de tempo para a liberdade, para a festa e para a criatividade. Por desgraça [...] até as melhores instituições se podem transformar no que há de pior”.

Não menos insuspeita é a opinião de Maria de Fátima Bonifácio (2012):

“Há uma relação entre pós-modernismo e neoliberalismo. O neoliberalismo corrói e opõe-se à social-democracia e à democracia cristã. O pós-modernismo é a outra lei da selva, é a lei da selva no campo cultural e intelectual. Não é por acaso que surgem, alastram e invadem ao mesmo tempo. Eu sou muito conservadora, mas não subscrevo, nem nunca subscreveria, a tese de que a vida em sociedade está sujeita à lei da seleção natural dos mais fortes e que os mais fracos podem rebentar contra a parede”.

Estes alertas convidam-nos a refletir sobre as atribuições e os descaminhos das entidades incumbidas da formação humana dos indivíduos (por exemplo, a Universidade), lembram-nos que não pode nem deve ser atirado para o caixote do lixo a observância do *terceiro dos mandamentos* da Lei de Deus, redigidos e proclamados por Moisés para enfrentar, refrear e inibir a barbárie e violência até então reinantes (e que se veem ressuscitar nestes tempos de austeridade, crueldade, tortura e esfola, cometidas pela gananha e seitura da ignóbil globalização neoliberal). O dito mandamento ordena que guardemos os dias santos e valoremos a fruição do corpo e da mente!

Esse imperativo apresenta-se muito justamente como o *mandamento do ócio criativo*, estipulando que o ser humano não é apenas *Homo faber* ou recurso de trabalho; antes alcança, exhibe e realça a sua humanidade, “santificando” todas as dimensões da existência.

Julgo que este aspeto constitui uma fronteira de demarcação nítida entre a civilização e a animalização, a ética e a imoralidade, a moral e a amoralidade. O mandamento invocado não perdeu validade, é de atualidade permanente e exige vigilância incessante.

Sem o oxigénio, o alimento, as asas e os voos dos “inutensílios” culturais (literatura, artes, música, teatro, desporto, etc.), a vida não nos bastaria, não prestaria, seria irrespirável, inabitável, insatisfatória, opressora; se não dispuséssemos deles para mitigar os dramas e as urgências do quotidiano, este tornar-se-ia sufocante e trágico, não descolaríamos do nada e seríamos engolidos ou esmagados por ele.

Shakespeare foi bem claro: “Somos feitos da mes-

ma matéria dos nossos sonhos”. E Fernando Pessoa não ficou atrás: “Os sonhos por haver é que são o cadáver”. Sem sonhos, somos restos mortais.

Pelo mesmo diapasão alinha a pergunta de Paul Valéry: “Que seria de nós sem as coisas que não existem?”. Tal como a resposta de Miguel Torga: “Ah, como o homem seria desgraçado se não tivesse o dom maravilhoso de imaginar, de fantasiar, de sonhar!”.

As sociedades contemporâneas parecem dar pouca importância a tais avisos. Com efeito converteram-se num hospício global, constata Augusto Cury (2008), intimando a corresponder à necessidade de convocar os difusores de sonhos numa sociedade que deixou de sonhar. É preciso e urgente difundir sonhos e ideais, com o intuito de arrebatá-los e libertar as pessoas do cárcere da rotina, da demência e do discurso único do senso comum.

Mário Quintana (1988) dá-se conta desse panorama, deserto de verdes e de azuis, e exclama com voz desolada:

“A pena que me dão as crianças de hoje!
Vivem desencantadas como uns órfãos:
As suas casas não têm porões nem sótãos,
São umas pobres casas sem mistério.
Como pode nelas vir morar o sonho?”.

Contra isso resta o futebol, insinua Eduardo Galeano (2004): “Como todos os meninos uruguaios, eu também quis ser jogador de futebol. Jogava muito bem, era uma maravilha, mas só de noite, enquanto dormia...”.

Mas será que a confissão de Galeano nos merece crédito? Continuará o futebol a ser um manancial de sonhos? (Não me refiro ao jogo desportivo em si; inquieta-me o seu comércio.) E, se não for mais assim conforme às nossas profundas aspirações, para que o queremos? Quem o substitui nessa indeclinável função? Ou será que ele abdicou de ser criador e des-cambou para triturador de sonhos?

A inquietação deve guiar-nos, procurando tirar partido da declaração do filósofo francês Henri Bergson: “A vida é um caminho de sombras e luzes. O importante é que se saiba vitalizar as sombras e aproveitar as luzes”.

O destino dramático da existência desafia-nos, pois, a preocuparmo-nos com as coisas aparentemente “inúteis” e com os “inutensílios” (no dizer do poeta pantaneiro Manoel de Barros), porque são o essencial e substancial da vida. Viver sem a luz

e altura dos sonhos e ideais, das causas e utopias é viver sem alma e alento; é apenas sobreviver no escuro e rasteiro, é renunciar ao gosto e dever de visar ser uma “coisa” infinita, erguida em cima da pequenez do nosso chão. É trair a circunstância de sermos criaturas pequenas, capazes de idealizar “coisas” grandiosas¹.

Afinal, nós temos o tamanho dos nossos sonhos. Onde encontram eles o terreno propício para germinar e medrar, dada a selva de insensibilidade ética e estética que nos circunda e adentra o nosso coração e alma? Não estamos a ficar desertos deles, a ver mirrada e amputada a nossa sensibilidade?

Olhemos para a sensibilidade como uma “coisa” preciosa, cada vez mais rara neste mundo calculista, pragmatista e utilitarista. Ela constitui um grande manancial de força criadora e iluminadora. Contém asas para voarmos mais alto e, assim, vemos mais e melhor. Não a descartemos, nem a ela, nem a nada que a alimente. Exclamemos como Natália Correia: “Oh, subalimentados do sonho, a poesia é para comer!”. Não consintamos que do futebol se ausente a ilusão, alimento preferido da felicidade.

PROCURA DE ARRIMO FILOSÓFICO
A meditação filosófica recomenda-se em todas as épocas e em todos os setores como um intento de gerir lucidamente os acertos e desacertos. Ela assume carácter de urgência numa era tão conturbada e insana como a presente. Para não nos contentarmos com uma versão aviltante e pequena das coisas e factos. Para reagirmos a um mundo às avessas, no qual os interesses usurpam o lugar dos princípios. Para contestarmos os cenários traçados e impostos pelos politólogos, economistas e comentadores de plantão.

Neste tempo de neblina e cerração é preciso filosofar – muito e a toda a hora. A vacuidade e o abismo interiores, o tédio angustiante e a ausência asfixiante de um sentido para a vida não cessam de aumentar. Por isso estamos obrigados a uma reflexão que torne imanente a cada um, às suas convicções, ações e respetivas consequências uma teoria da transcendência.

Essa obrigação é transversal a todos; não é necessário ser filósofo por formação e profissão para assumir o mandato da indagação. A *reflexão crítica* é um imperativo moral de todo ser humano que não suspenda o interesse pelo mundo e queira estar à altura das circundações e exigências. Ninguém pode ficar

indiferente ao figurino que hoje se quer impor a todo o custo, qual seja, o de colocar a sociedade, a cultura e o desporto sob os ditames exclusivos dos desvarios e tortuosidades do mercado e das suas ambições curtas, míopes, comezinhas, rasteiras e vis.

Uma ponderação atinente do modelo de homem que está em cena e do papel atribuído ao desporto carece do arrimo filosófico. Neste capítulo é curial recuperar a tese da “origem desportiva do Estado”, elaborada pelo grande Ortega y Gasset. “Todas as grandes obras humanas têm uma dimensão desportiva”, formulou o notável pensador da missão da Universidade. Interrogando-se sobre o que é a filosofia, respondeu deste jeito: filosofia é uma reflexão séria numa atividade lúdica, visando promover o “homem luxoso e desportivo”, face ao “homem utilitário e biológico”. Por isso a filosofia é “a ciência dos desportistas”. Nem mais, nem menos!

Para Ortega y Gasset, desporto e filosofia são atividades promotoras de felicidade para quem as exercita, por não estarem presas a um imediatismo utilitário. Mais, o desporto é uma categoria antropológica fundamental (e fundadora do humano); é uma atividade contingente, consubstanciada na “emocionalidade corpórea” de quem a vive como uma aventura ou viagem, procurando apreender-se e conjugar-se em situações de intenso empenho com a tarefa, com o contexto, com as suas estruturas energéticas e simbólicas, para formar-se e melhorar-se a si mesmo².

Essa viagem ou transcurso, denominado por Ortega y Gasset como “descontínuo esforço desportivo”, vale para toda pessoa. Em todo homem biológico e utilitário vive um homem desportivo e “luxoso”, necessitado de se exercitar lúdica e agonisticamente, uma vez que filosofar e “desportivar” são representações, ilusões, imagens ou conceitos, sem verdadeira realidade, não se materializam em algo de útil e imprescindível, *apesar do fito e significado de transcendência que encerram.*

1 Aristóteles valorou devidamente: “A guerra deve ser em vista da paz, a atividade em vista do ócio, as coisas necessárias e úteis em vista das coisas boas. É verdade que é preciso desempenhar uma atividade e combater, mas muito mais importante é estar em paz e em ócio, assim como fazer as coisas necessárias e úteis, mas mais importantes são as coisas belas”.

2 “Qual o destino do homem?” – perguntou Wilhelm von Humboldt, o delineador da universidade moderna. O destino do homem é “formar-se”, respondeu o insigne humanista, complementando a resposta com o cuidado de elaborar o fantástico conceito de “formação” (*Bildung*), em conformidade com o legado da espantosa *paideia* grega.

Segundo o filósofo, o “desinteresse” pelo utilitário e imprescindível concede a pensadores e desportistas um “dom de generosidade” que floresce somente (atente-se nisto) nos cumes de maior altitude vital!

O desporto é “a conduta que o homem normalmente adota durante os momentos breves em que a penosidade e as urgências da vida o deixam de oprimir, [permitindo-lhe] dedicar-se [...] a um jogo no qual joga com aplicação ao resto da vida, isto é, ao sério e doloroso da vida”. Por outras palavras, o desporto é um “luxo vital”, que “conserva o limpo humor e o rigoroso cuidado”.

Uma olhadela rápida sobre a conjuntura revelamos, de pronto, que ela não se coaduna com a visão de Ortega y Gasset. Por isso mesmo há que recordar e erguer o entendimento do filósofo como bandeira de uma luta que não pode deixar de ser travada, sob pena de capitularmos, de faltarmos às nossas responsabilidades e de merecermos o rótulo da cobardia e/ou do conformismo.

Queremos ser *idealistas* ou *conformistas*? A pergunta é de José Ingenieros, convicto de que sempre haverá *idealistas* e *mediócras*. Nos primeiros habitam: dignidade, génio, virtude, qualidades que propiciam a imaginação na direção da originalidade. Nos segundos acoitam-se: hipocrisia, oportunismo e torpeza, o que os leva a experiências de servilismo e submissão.

O servilismo é rentável e encaixa bem na moldura do “sucesso” hoje tão apregoado, só que não é produtivo! *Os idealistas devem ser valorizados*, porquanto

“[...] são *adversários da mediocridade*: sonhadores contra utilitários, entusiastas *versus* apáticos, generosos combatem os calculistas, indisciplinados enfrentam os dogmáticos. São alguém ou algo contra os que não são ninguém nem nada. *Todo idealista é um homem qualitativo*: possui um sentido das diferenças que lhe permite distinguir entre o mal que observa, e o melhor que imagina. *Os homens sem ideais são quantitativos*; podem apreciar o mais e o menos, mas nunca distinguem o melhor do pior. Sem ideais seria inconcebível o progresso. *O culto do ‘homem prático’, limitado às contingências do presente, importa uma renúncia a toda a perfeição*. O hábito organiza a rotina e nada cria em direção ao porvir; apenas dos imaginativos espera, a ciência, suas hipóteses; a arte, seu voo; a moral, seus exemplos; a história, suas páginas luminosas” (Ingenieros, 2003).

Estas posições contra o pragmatismo e o utilitarismo ressoam em Ortega y Gasset (2011)³:

Torcida brasileira no Vale do Anhangabaú, em São Paulo, durante a Copa do Mundo da Alemanha 2006

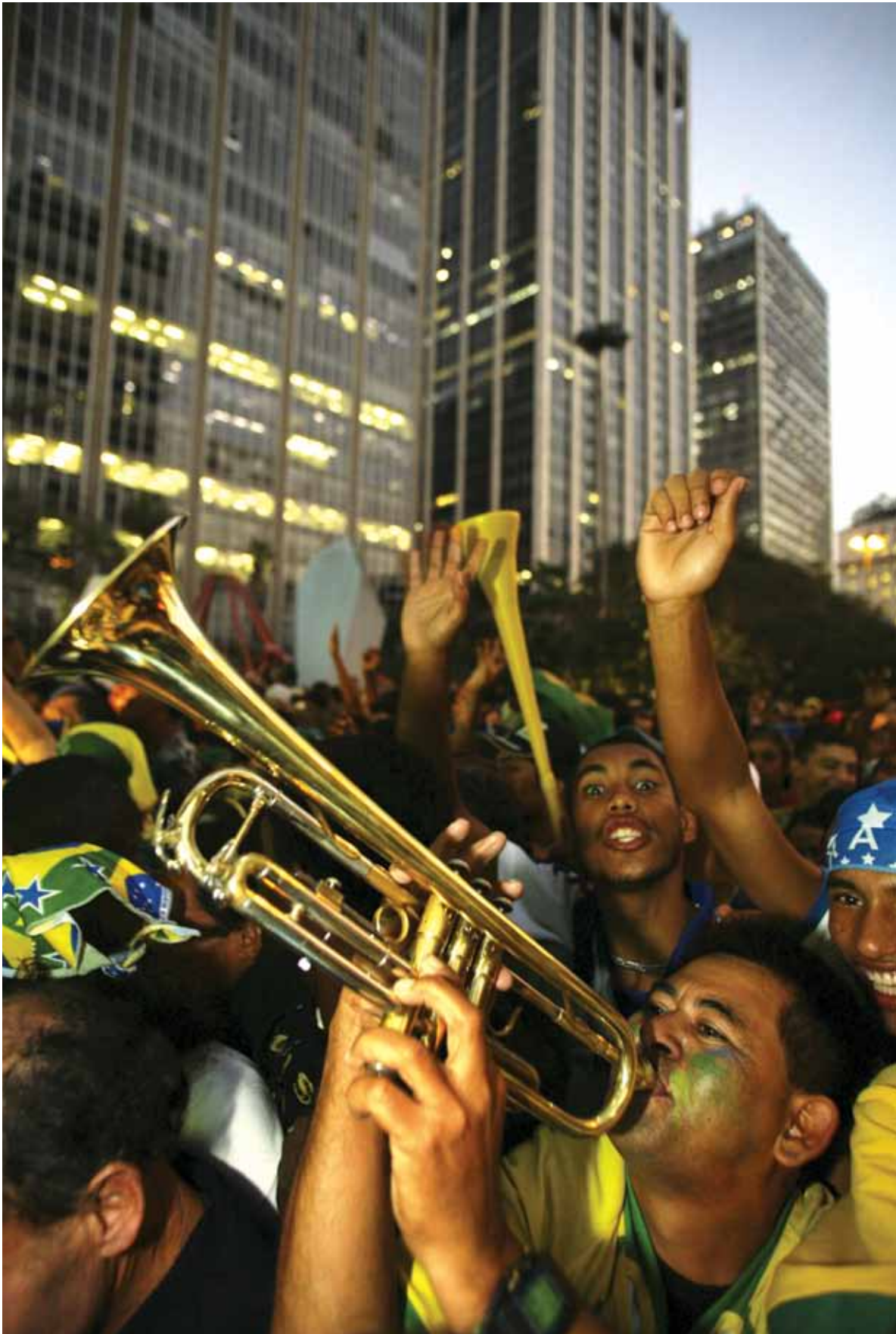
“Uma das questões últimas, porventura a que maior influência possui sobre o nosso destino cotidiano, é a ideia que tenhamos da vida. No século XIX, que era em tudo propenso ao utilitarismo, estabeleceu-se uma *interpretação utilitária do fenómeno vital* que chegou até nós e pode ainda considerar-se o tópico vigente [...]. *Uma cegueira congénita fez com que os homens dessa época tivessem somente olhos para os factos que pareciam, com efeito, apresentar a vida como um fenómeno de utilidade e adaptação*. Mas tanto a nova biologia como as recentes investigações históricas invalidam o mito usado e propõem uma ideia distinta da vida, em que esta nos aparece com gesto mais gracioso.

Segundo ela, *todos os atos utilitários e adaptativos, tudo o que é reação a prementes necessidades, são vida secundária. A atividade original e primeira é sempre espontânea, luxosa, de intenção supérflua, é livre expansão de uma energia preexistente*. Não consiste em acompanhar o passo de uma necessidade, não é um movimento forçado ou tropismo, senão, melhor, a livre ocorrência, a apetência imprevista [...]. O repertório de hábitos úteis, que cada espécie possui, formou-se mediante seleção e aproveitamento de inumeráveis atos inúteis que por exuberância vital foram sendo executados pelo ser vivente.

Assim, pois, podemos distribuir os fenómenos orgânicos – animais e humanos – em *duas grandes formas de atividade: uma atividade originária, criadora, vital por excelência – que é espontânea e desinteressada; outra atividade na qual se aproveita e mecaniza aquela e que é de carácter utilitário. A utilidade não cria, não inventa, simplesmente aproveita e estabiliza o que sem ela foi criado*.

Deixando a um lado as formas orgânicas e atendendo somente às ações, a vida plena aparece-nos sempre

3 O uso do itálico nas citações é da nossa responsabilidade, com o propósito de sublinhar ideias-chave.



como um esforço, mas este esforço é de duas classes: o esforço que fazemos pelo simples deleite de o fazer [...]; e o esforço obrigatório a que uma necessidade imposta e não inventada ou solicitada por nós nos atira e arrasta. Este esforço obrigatório, com que estritamente satisfazemos uma necessidade, tem o seu exemplo máximo naquilo que o homem costuma chamar trabalho; do mesmo modo, a classe de esforços supérfluos encontra o seu exemplo mais claro no desporto. Isto levar-nos-á a transmutar a inveterada hierarquia e a considerar a atividade desportiva como a primária e criadora, como a mais elevada, séria e importante na vida; e a atividade laboriosa como derivada daquela, como sua mera decantação e precipitação. Mais ainda, vida propriamente falando é somente a de cariz desportivo, a outra é relativamente mecanização e mero funcionamento”.

A divisão e hierarquização, a valoração e finalidades das duas principais modalidades da atividade humana (as utilitárias, de um lado, e as desportivas e suas correlatas, de outro) põem em evidência o insubstituível ofício do desporto tanto no edifício humano como no social. Para que não subsistam dúvidas, Ortega y Gasset (2011) esclarece:

“De modo algum quero dizer com isto que a ação utilitária [...] não inspire e dê pretexto a novas criações da potência desportiva; a única coisa que queria estritamente insinuar é que, em todo o processo vital, o primário, o ponto de partida, é uma energia de sentir o supérfluo e o libérrimo, tanto na vida corporal como na vida histórica.

Ao fazer a história de toda a existência vivente falaremos sempre que a vida foi primeiro uma invenção pródiga de possibilidades e depois uma seleção, entre elas, que se fixam e consolidam em hábitos utilitários [...] O indivíduo que no decurso da nossa vida chegamos a ser é apenas um dos vários ou muitos que podíamos ser e que ficamos por realizar como baixas lamentáveis do nosso exército interior. Por isso, importa muito que penetremos na existência muito rica de possibilidades, a fim de que a poda fatal que é o destino deixe sempre em nós potencialidades invulneráveis e robustas. Esta abundância de possibilidades é o sintoma mais característico de vida pujante; tal como o utilitarismo, ao ater-se ao estritamente necessário, à maneira do enfermo que poupa movimentos, é o sintoma de debilidade e vida míngua.

Depende, pois, o acerto na existência da riqueza de possibilidades com que avançamos através dela”.

Ortega y Gasset (2011) remata assim:

“O mais necessário é o supérfluo [...] A vida triunfou no planeta graças ao facto de, em vez de se ater à necessidade, ter sido inundada por exuberantes possibilidades, permitindo que o fracasso de uma sirva de ponte para a vitória de outra [...]. A primeira sociedade humana, propriamente dita, é tudo o contrário de uma reação a necessidades impostas”.

O pensamento de Ortega y Gasset refulge neste depoimento de Ricardo Antunes (2013):

“Se o trabalho se torna autodeterminado, autónomo e livre, e por isso dotado de sentido, será também (e decididamente) por meio da arte, da poesia, da pintura, da literatura, da música, do uso autónomo do tempo livre e da liberdade que o ser social poderá humanizar-se e emancipar-se no seu sentido mais profundo”.

Até hoje essas teses não foram rebatidas. Por conseguinte há que assumi-las para rebater uma concepção e uma organização da vida, da educação e da sociedade que as contrarie.

D **AS PAIXÕES: UM SOLO DE AMBIGUIDADES** No respeitante às paixões, o problema a enfrentar é particularmente delicado e grave. Se fosse possível trazer de volta Baruch (Bento!) Espinosa, talvez ele nos viesse dar uma excelente ajuda. Todavia ele teria em mãos uma empreitada de enorme vulto, exigindo aturado labor e acurada análise, uma vez que as pontas, os fios e nós do novelo das paixões são hoje bem mais intrincados do que no tempo da maravilhosa interpretação conseguida pelo eminente filósofo sefardita.

Vamos por partes e com pezinhos de lã, para não fazermos estragos como um elefante numa loja de porcelana.

Primeiro: Como é sabido, na linguagem do senso comum (não se livra deste estigma quando usada por académicos e putativos intelectuais!) faz curso uma separação rígida entre razão e paixão, conotando a

segunda com algo inferior e situando-a, por isso, num plano equivalente, tal como as atividades (como é o caso do futebol) onde ela é mais evidente. As dicotomias oferecem conforto artificial, porém falso. São grelhas de leitura simplista de uma realidade que é complexa. Cheias de mal-entendidos.

Toda a criação humana envolve paixão e razão; o mesmo é dizer que a paixão e a razão são instrumentos de construção, de recriação e renovação do humano e da respetiva condição. Como assinala magistralmente a mitologia grega, os humanos, melhor dizendo, os *hominianos* nasceram nus, desprovidos de tudo quanto é necessário para uma existência verdadeiramente humana. Também nasceram sem paixão e sem razão!

Avancemos mais um pouco. O dicionário da língua portuguesa apresenta a “paixão” como um sentimento profundo, uma grande predileção, um amor ardente, o objeto desse amor. E define a “razão” como faculdade de raciocinar, raciocínio, bom-senso, causa, motivo, etc.

Sob este holofote, é pertinente perguntar: haverá assim uma diferença abissal entre paixão e razão? Aparentemente, sim; substancialmente, não. Com efeito, o que nos move e comove é aquilo que em nós ganha as raízes da afeição. Logo, só dirigimos os nossos passos para algo superior se lograrmos juntar a razão e a paixão. As causas e razões podem ser do mais elevado teor; porém, se não concitarem a nossa paixão, não nos entregamos a ela.

Afirmam os entendidos na matéria que a crise ética, atualmente vigente, demonstra o declínio da razão. Certamente. Mas... estaremos apenas perante o crepúsculo da razão? Ainda há paixões profundas? Dito de outra forma, que causas, factos e fenómenos da vida coletiva e individual concitam a nossa paixão? Ainda outra formulação: a efemeridade, a fluidez, a superficialidade e a volatilidade não são hoje uma marca dos atos e processos nos mais variados domínios? Para onde emigraram a profundidade e a solidez? Como trazê-las de volta ao nosso convívio?

Diz-se também que o futebol é uma festa, normalmente ligando esta a um clima lúdico, sem metas para além do mero entretenimento. Contudo uma “festa” é algo que aproveita um evento primitivo e original; atrai, prende, sobressai, supera e afasta-se do lugar-comum, por celebrar e revestir a paixão com o manto da cultura e da civilidade, do simbolismo, da “religiosidade” e do idealismo. Por conseguinte, aquilo que é festivo agrega e tem implícita uma dimensão e razão ética e estética.

Segundo: Enfrentemos o ceticismo com que é encarado o estádio de futebol, como se ele fosse tão-somente um palco de degradação de valores simbólicos, intangíveis, transcendentais e “artísticos” (na aceção genuína e originária do termo grego *arété*: unidade harmoniosa de técnica, *performance*, ética, estética, excelência, magnificência, virtude e excelssitude).

As catedrais góticas são porventura a expressão mais subida e perceptível do sentido da arte (e da vida, para a qual a arte funciona como referência). Seja no plano da forma, seja no plano dos significados que encarnam, elas configuram um nível extraordinário e sublime da transcendência, traço religioso de toda a cultura. Nelas os homens congregam sonhos e mitos que lhes dão asas e os transfiguram e elevam a seres quase divinos.

Quem construiu catedrais não tem mais nada a cultivar e admirar, excetuando a capacidade de perceber e assimilar a beleza latente na natureza e a obrigação de perseverar em concretizá-la sob formas renovadas segundo o espírito do tempo. Por isso levantar catedrais nos nossos dias passa à margem da nossa atenção. Elas não são significantes da lógica desta era. A eternidade não é mais o fim da vida. O fim desta está nela própria, na sua qualidade, dignidade e humanidade. Visamos balizar o nosso percurso terreno com as cores do arco-íris e com os sons do enlevo e encanto, como meio de iludir, fingir e sublimar o drama dos limites e da nossa finitude.

Acresce ainda que não é aguda a consciência das culpas a expiar pelas tragédias e horrores que semeamos pelo mundo.

Hoje constrói-se outro tipo de catedrais: estádios de futebol e centros comerciais.

Os estádios dão, pois, notícia de um tempo diferente do das catedrais. Melhor dizendo, são as novas catedrais desta época. São um monumento e templo erigidos a uma outra divindade, à celebração do homem de carne e osso que procura alargar a faixa estreita da vida. Neles entra em cena uma nova expressão da transcendência, não mais pela via da mímica e imolação da vida, mas pelo transbordar da taça em que ela é bebida. Não é o homem novo que finalmente se vê despontar; é só a renovação incessante da liturgia sempre inconclusa de o fabricar.

A grande paixão pelo futebol revela a conexão psicossocial entre desporto, homem e sociedade, constituindo, no dizer de Ortega y Gasset, “a zona profunda da sensibilidade coletiva”. No fundo o desportista

mostra a unidade trágica das direções divergentes nas vivências do homem: o apolíneo, o dionísio, o guerreiro, o jogador, sacrifício, trabalho, prazer, ócio, etc.

Aos inimigos do estádio desportivo, que continuam a tentar minorizá-lo intelectual, cultural e socialmente, diremos, como a poetisa Natália Correia, que face às “massificações, que assepticamente negam a vida, a massificação exaltante do futebol [...] põe em ebulição os sentimentos e as mentes” e tem “o mérito de desencadear as paixões que dão cor à alma. Ao menos os frenéticos do futebol dão tudo por uma causa. E são os homens sem causa que com o seu governo de máquinas calculadoras nos alienam o espírito”.

A esses e a todos os que o aviltam continuaremos a repetir que o futebol e os seus estádios são símbolos de causas, de sublimações e ultimidades, carecidas de devida interpretação e, não se nega, de eventual e urgente correção. Só os aleijados da alma é que não dão por isso. Ademais, terá dito Vinicius de Moraes, a diferença entre uma paixão eterna e a lembrança de um bonito golo de futebol é que “a lembrança desse golo dura mais”.

Alex Ferguson, ao abandonar, recentemente, o cargo de treinador do Manchester United, confessou que ia sentir muita falta da paixão pelo futebol, vivida nos estádios ingleses. Eu também sinto uma dorida falta dessa paixão noutras paragens, nomeadamente na vida universitária. Sinto-a com profunda lástima e pena!

Terceiro: É altura de regressar a Espinosa, de resuscitar os seus ensinamentos e de nos servirmos deles, tal como Diógenes, o Cínico, se serviu da candeia na feira da escuridão. Será possível sustentar, no concernente ao futebol, a divisão espinosiana entre *paixões alegres* e *paixões tristes*? Haverá paixões alegres em estado puro? Não estarão elas contaminadas pelas segundas? Dito de outro modo, será o futebol – entendido aqui na sua versão de “espetáculo” – um campo de paixões alegres? Ou será, de igual modo, um terreno fértil para as paixões tristes? Ou de paixões contendo ambas as dimensões, ao mesmo tempo? E, ainda, qual das dimensões tem a prevalência? O adepto e o espectador gozam mais com o júbilo da vitória ou sofrem com a ansiedade e a incerteza de a não conseguir? Qual dos dois estados de alma é maior? Isso para não falar na desilusão e dor da derrota.

A todas essas indagações responda quem se der ao cuidado e trabalho de estudar essa tão intrigante e aliciante problemática!

O mundo do futebol, como o restante, presta-se à mais distintas – e até descabeladas – manipulações e instrumentalizações. Todavia a paixão por ele não pode ser esclarecida pela sentença fácil e absurda da “alienação”. Essa catalogação tem pés de barro e não esclarece nada. Nós somos alienados por determinação da nossa essência, uma vez que somos referenciados ao que está fora de nós e é no confronto com a alteridade que constituímos a nossa identidade!

Interessa, sim e muito, elaborar uma aturada reflexão acerca do modo como “dialoga” o futebol com as paixões alegres e as paixões tristes, como se equilibra e situa nesse terreno tão movediço e de fronteiras tão ténues. Como se manifesta nele a queda nas paixões tristes e prejudiciais, suscetíveis de nos vergarem, de enfraquecerem a nossa potência volitiva e de omitirem ou enfraquecerem a razão, atirando-nos para a escravidão? Não basta observar os efeitos, é preciso buscar as causas e as circunstâncias!

É sabido que os afetos não são neutros e comandam os nossos passos, uma vez que não sobressaímos por um ânimo ou vontade potente. O vate latino Ovídio disse isto assim: “Vejo o que é melhor e aprovo-o, mas depois sigo pelopior”. É próprio dos humanos serem atraídos pelo que é proibido. Não é por acaso que os códigos de leis estão cheios de proibições; o mesmo acontecendo no desporto e no futebol, sendo mais aquilo que é proibido do que o permitido⁴.

Ou seja, não é a razão que dita, por via de regra, os nossos atos, importando por isso casá-la com a emoção, com o intuito de chegarmos a uma inteligência emocional, a um agir adstrito aos afetos de uma razão ativa e adequada e não passiva e coartada. O agir racional depende da força interna, afetiva, cognitiva e desejança da razão; é isso que leva da paixão à ação e da servidão à virtude.

Essa evolução da razão possibilita um relacionamento e um comportamento assente no predomínio das paixões alegres sobre as tristes, bem como uma alteração da relação passividade/atividade, gerando um contentamento interior que se sobrepõe a fatores e causas exteriores.

4 Francis Bacon (1979, p. 15) seguiu na pegada de Ovídio, afirmando: “O intelecto humano não é luz pura, pois recebe influência da vontade e dos afetos, donde se pode gerar a ciência que se quer. Pois o homem inclina-se a ter por verdade o que prefere [...]. Enfim, inúmeras são as fórmulas pelas quais o sentimento, quase sempre imperceptivelmente, se insinua e afeta o intelecto”.

Em que medida podemos encarar o futebol como um fator de paixões alegres e, concomitantemente, de diminuição da afetação triste e de incremento da expressão da nossa potência anímica? Os afetos passionais do futebol são todos ou maioritariamente determinados por ideais adequados? Qual é o balanço nesta matéria? Para onde nos leva a paixão pelo futebol? Para a alienação e a cegueira? (E então a paixão degrada-se no nível primário dos instintos). Ou a paixão pode incorporar fins, ideais e objetivos clarividentes, sendo assim iluminada pela razão?

Quanto de ansiedade antecede as alegrias e euforias inerentes à vitória no futebol? A paixão dá-nos mais gozo ou sofrimento, estresse e dor? Goza-se mais com a vitória ou sofre-se mais com a ansiedade e incerteza que a antecedem ou com a desilusão da derrota?

E o que se passa com os perdedores habituais ou menos ocasionais? O que faz ser adepto de clubes que, muito raramente, ganham? Que paixão é essa? Essas perguntas têm subjacente a hipótese de que a vitória não é, por si só, garante de contentamento interior; e de que a derrota não é impeditiva do surgimento deste.

O que é que nos dá a paixão? Podemos viver sem paixões? Devem ou não ser cultivadas, mesmo correndo o risco de passarem, de vez em quando, a fronteira dos instintos? É concebível um modelo de vida e de pessoa fria, esquemática, programada sem o calor das paixões? O que se ganharia e perderia com isso? O que seríamos se abafássemos completamente o bicho medular que nos constitui? Para que serviria então o “processo civilizatório”, eloquentemente ilustrado no desporto por Norbert Elias e os seus colaboradores e seguidores? Como seriam as segundas-feiras sem o futebol dos fins de semana? Quem lucraria com isso, a não ser as clínicas privadas de psiquiatria?

Quarto: Pestalozzi, num ensaio de 1807, definiu os exercícios corporais como *atos anímicos, espirituais, morais e volitivos* na sua essência, sendo físicos somente na aparência. Nesse sentido as mãos e os pés tentam fazer por fora aquilo que, primeiro, foi idealizado e feito por dentro pelo ânimo, pelo coração, pela mente e pela vontade. Eis um “pormenor” devido ao qual o desporto é apontado (e a sua prática é enaltecida e recomendada como precioso instrumento de educação), por insignes pensadores, como uma pedagogia da vontade, assaz relevante porquanto esta constitui o pilar central da ética. Homens livres são aqueles cuja vontade pratica mais exercício! Mais ainda, não falta

quem veja na debilidade da vontade uma marca desta era, sendo ela responsável pelo ambiente crepuscular, em termos de normativos éticos, que nos circunda.

Sem vontade nada feito, advertiu Aristóteles. Sem ela ficamos à mercê daquilo (peso, gravidade, indolência, inércia, preguiça, desídia) que nos atira para o chão e para a inércia e que nos afunda no pasmo e na violência, no nível zero de humanização, na falsidade e para fora da órbita da dignidade. O mesmo é dizer que a liberdade tem os alicerces dentro e não fora de nós, afirma-se na identidade e sintonia do Eu consigo mesmo, com a potência do Ser.

O desporto e, nomeadamente, o futebol são valiosos pelos sentimentos que nos despertam, pelos ideais, princípios e valores neles investidos, pelas finalidades e funções que revestem, pelos compromissos contidos na alegria que eles encerram. São um campo da dialética (não oposição!) dramática entre paixão e razão, podendo assim corresponder à necessidade de uma reconstrução que ligue a observância dos deveres à afirmação dos direitos. Para não vivermos num estado de força, opressão e violência. Para irmos além de uma ética pragmática e utilitária assente na contenção e controle das pulsões e paixões tristes e destrutivas.

Quinto: O futebol é certamente para os seus adeptos coisa passageira, secundária e não principal da vida. Isso não determina que a paixão ou o amor, que ele concita, seja fonte de malefícios. Seria, sim, se o encarássemos como coisa primeira e vivéssemos em função dele, subordinando-lhe tudo o resto. Ao invés, pode ser canalizado e instrumentalizado para altos fins, que o justificam plenamente e relevam a sua função.

Ademais, ele não pode ser friamente analisado, sem ter em conta a quadratura em que estamos hoje a viver. O mundo e as pessoas estão inundados de depressões, de paixões tristes. “Sonham-se” pesadelos em vez de sonhos; “sonha-se” a morte no lugar da vida; “vive-se” a inexistência.

Mesmo as alegrias aparentes escondem um lado triste e penoso, que é curial sublimar, sob pena de a raiva e a angústia acumuladas levarem a explosões de consequências pessoal e socialmente funestas. Esse facto incontornável conduz a duas ordens de considerações.

Por um lado, fenómenos como o futebol e espetáculos afins servem de catarse e escape à amargura, desilusão, frustração, infelicidade e tristeza que se entranham nas pessoas e amarfanham a sua relação com a vida e com os semelhantes. Por outro lado, as “ale-

grias” observadas nesses fenômenos acoitam, por de baixo da aparência, o mesmo que se regista fora deles.

Sintetizemos com o intuito de tentar clarificar uma matéria tão difícil de equacionar e entender. As paixões não são nada de anormal, estranho e condenável no ser humano. Fazem parte da sua natureza e idiosincrasia. Temos uma dupla matriz: a natureza e a cultura. À segunda compete reger a primeira, mediante a edificação de uma liberdade de escolha que gere alegria intelectual, espiritual, ética e moral. O agir racional não se funda em normativos tristonhos, mas na paixão por princípios e valores geradores da genuína felicidade.

A alegria é um desejo aumentado para existir, pensar e realizar. A tristeza representa o inverso, ou seja, esse desejo frustrado, podendo conduzir a reações extremamente graves. Tanto a alegria como a tristeza afetam simultaneamente o corpo e a alma, a ação e a reflexão. O mesmo é dizer que a atividade ou inatividade da mente não decorrem de um corpo passivo ou ativo. Ambos estão imbrincados nas vivências de alegria e tristeza, de atividade e passividade. Logo é absurdo catalogar como dificultadoras da atividade mental práticas exuberantes em atividade corporal. Por isso os moralismos, que beliscam a fruição do espetáculo futebol, não têm o devido fundamento. Se a paixão pelo futebol é grande, isso significa que são muito frágeis outras paixões. Com efeito, uma paixão somente supera outra se for mais forte e contrária a ela.

Com isso não se sugere, de modo algum, que sejam positivos todos os efeitos da paixão pelo futebol. Não faltam, infelizmente, exemplos abundantes e inquietantes de efeitos (insultos, agressões, desacatos, etc.) provocados pela paixão na tribo do futebol. Eles traduzem o comando da paixão por causas externas, levando os indivíduos a deixar-se governar pela exterioridade, a investir o ímpeto passional em alvos exteriores, caindo assim nas bandas da servidão e da alienação. Essa busca insaciável de satisfação fora de si arrasta o indivíduo para a autodestruição, para a contradição consigo mesmo, imaginando encontrar a satisfação na destruição do outro. Notoriamente isso ocorre com frequência escusada no futebol. Os seus principais agentes são relapsos ao incorporar a noção de que é muito mais edificante e gratificante o que brota das paixões alegres (o amor, o apego e a dedicação ao seu clube) do que das paixões tristes (o ódio, a depreciação e a perseguição do adversário). Não entendem que somente assim se passa da fraqueza à força.

Falta fazer muito para que no futebol as paixões alegres, nobres, elevadas, belas e criativas sobrelevem as paixões tristes, rasteiras, sujas e destrutivas. Há que chamar todos os atores à responsabilidade.

D A ARÉTÉ À “CIVILIZAÇÃO DO ESPETÁCULO” Muitos acadêmicos insistem em alimentar a polêmica em torno da distinção e oposição entre cultura erudita, própria de uma elite, e cultura popular, própria de todos os cidadãos. A polêmica pode ser teoricamente relevante e certamente garante estatuto e poder intelectual, mas corre o risco de subverter o conceito de “cultura”.

Não vamos entrar a fundo na questão; limitamo-nos a tomar posição. A cultura não mora só em museus, bibliotecas, livrarias e salas de orquestra. Ela também se encontra nas festas e romarias, nas missas e procissões, nas feiras e confraternizações, nos estádios e nos sentimentos de alegria, angústia, choro, drama, dor e tristeza que nele afloram, nas identificações, expressões e estados de forma que nele se revelam, nas organizações do futebol (não estou a pensar no populismo e demagogia, nas sociedades anônimas e no dinheiro que nelas gravita e se agita, corre ou desaparece!)⁵.

Primeiro: É possível desfiar um rosário de definições de cultura. Começemos por uma assaz sintética: cultura é aquilo que o homem criou para com ela se criar e fazer Homem. Esta asserção é simples de entender: no código genético não vêm ideais, noções, princípios, valores, habilidades e equipamentos similares; essas “coisas” resultam da aprendizagem e do contágio cultural.

Não desconsideremos estoutro preposição: a cultura é o diálogo do indivíduo com o seu tempo, um diálogo enquadrado e mediado por artefactos e técnicas familiares da ética e da estética. Ela é o produto da convergência da tradição coletiva com a criação

5 “O futebol é uma manifestação de cultura popular, como as peregrinações a Santiago de Compostela. A cultura popular é despesista. Cara. O povo paga-a e não protesta! Só quer a festa, o futebol ou peregrinação. A cultura elitista é mais cara, em tudo, até na festa que oferece. E não é a do povo, onde está ausente. Pelo desporto, dito ‘Rei’, o povo paga o que se lhe disser. Sem regatear preços! Nada ocorre ocasionalmente. Há uma administração que organiza, traça planos, tem procedimentos rigorosos, oferece o banquete em forma de futebol, este vira cultura popular” (Nogueira, 2013).



Jogadores de futebol do FC Porto festejam a vitória no final do Campeonato Português de 2011, em Lisboa

do talento individual. Resgata e aviva os valores do passado; aponta e imagina-lhes futuros.

Zygmunt Bauman (2006, p. 46) define a cultura, indo ao âmago da sua primordial função: “Codificações de mecanismos engenhosos calculados para tornar suportável a vida com a consciência da morte”. Está tudo dito, mas ele concretiza e precisa: a genialidade e “inventividade das culturas [consiste em] tornar possível conviver com a inevitabilidade da morte”.

Noutra obra o magno analista da contemporaneidade aborda, de um ângulo valorativo, a noção de cultura: “um fermento que evita que a realidade social fique parada e que obriga a uma eterna auto-transcendência”. E afirma taxativamente: “Ser usado e consumido na hora e dissolver-se no processo do consumo instantâneo não são nem o destino dos produtos

culturais nem o critério do seu valor [...]. Um objeto é cultural na medida em que sobreviva a qualquer uso que possa ter servido à sua criação” (Bauman, 2010).

Dessas portas não vem grande mal ao mundo do futebol. Ao invés, as definições sopram um vento de feição; depende do futebol acolhê-lo ou afugentá-lo. Vejamos com uma lupa mais fina.

As manifestações culturais e artísticas podem comportar uma saudável dimensão ou função recreativa e até catártica ou escapista; mas não podem ser reduzidas a isso. São obra e expressão do imaterial, da roupa que nos veste por dentro e não se pode despir, sob pena de cair numa concepção enviesada da cultura e da arte, feita só de banalizações, frivolidades, superfícies, vernizes, ruídos, de promoção do bacoco, soez e grotesco, de perversão da estesia. Não se esqueça: a arte interpreta e inspira a vida; a sua função suprema é a de convidar a vida a imitá-la e segui-la.

Sejamos explícitos, por mais que nos custe aceitar: o grau da nossa humanidade mede-se pelo nosso teor *artístico* em tudo quanto nos perfaz, por dentro e por fora, nas intenções e expressões. Para alcançarmos a condição hu-

mana não basta a espontaneidade natural; requer-se a deliberação artificial, é preciso sempre a intervenção da arte.

Tal como postulou Friedrich Schiller, “a Arte é a mão direita da Natureza. Esta última deu-nos apenas o ser, a primeira fez de nós homens”. A arte dribla o trágico, mitiga a dor e a frustração, faz sonhar, enche os olhos de beleza, alimenta o coração e a alma de esperança e encanto, ajuda-nos a enfrentar e enganar a gravidade do quotidiano e a torná-lo suportável.

É ou não para isso que ensinamos e praticamos desporto? É ou não esse o papel cimeiro e instrumental que desempenha ao serviço da civilização da violência, das forças impulsivas e rasteiras e das tentações afins?

A resposta é afirmativa: a aprendizagem de habilidades e técnicas visa, em ultimidade, o aprimoramento ético e estético. Sem a melhoria, a “tecnicidade” e a elegância dos gestos e palavras, das emoções e reações, sem o seu afeiçoamento e aperfeiçoamento mediante constructos normativos e culturais, a ética fica ausente e a estética, ferida e manca.

Homero prestou justiça ao desporto (e ao futebol, mesmo sem o conhecer): “Não há fama maior para um homem, enquanto ele vive, do que a que ele conquista com os pés e com as mãos”. Realmente a conversão esforçada do corpo lerdo e pesado em artefacto ágil e alado, dando aos pés a destreza das mãos e a estas a leveza e virtuosidade do espírito, é uma extraordinária façanha que glorifica, redime e moraliza o seu autor.

Somos um “ser sem qualidades”, fora da escala animal e natural. Somos seres de falta. Nisso somos assaz abastados; essa mina contém um filão inesgotável, por mais intensiva e extensiva que seja a sua exploração.

O célebre Tostão (2005) (Eduardo Gonçalves de Andrade), perito sobejamente comprovado na matéria, não podia ser mais certo: “Não só os times, mas todos, na vida afetiva e profissional, convivem com a falta. É a falta que ilumina o caminho e estimula o desejo das pessoas”.

Em todas as dimensões da nossa existência convivemos com a incompletude e a imperfeição; elas são a moeda que mais somamos, o capital que mais acumulamos, a maior riqueza que aforramos. São elas que geram alvoroço e iluminam o nosso labor, as nossas ansiedades e caminhada. É com base na percepção da sua ampla diversidade que brotam a cultura e os seus distintos ramos.

O desporto, como a educação, surge a partir da consciência das carências e insuficiências e da ne-

cessidade de as diminuir, suprimir e superar. Somos seres deficitários, provisórios e intermediários, isto é, condenados à ininterrupta formação.

Somos seres de falta e de precariedade; são estas que indicam o caminho e nos segredam a construção de escadas que levem o limo da terra a escalar os céus, a subir na via da excelência e abeirar-se do Olimpo.

Somos imperfeitos e incompletos. Há em nós muito por fazer e aperfeiçoar, completar e concluir, muitas arestas por limar e polir, sabendo que a inconclusão e o inacabamento são a marca e o destino a que não podemos fugir.

O desporto é, no seu cerne, um laboratório e uma forja desta humanidade carente, frágil, híbrida, indefinida, precária e periclitante: nele buscamos e expomos o que nos falta, visando à melhoria do que somos e temos.

Aristóteles foi incisivo: “Deus é demasiado perfeito para poder pensar noutra coisa senão em si próprio”. Somos nós que devemos pensar e cuidar da nossa forma e condição, beleza e perfeição. Somos os sujeitos do *oitavo dia da criação*. Chegou a nossa vez da criação: da nossa e do mundo!

Miguel Torga, em jeito de assunção das obrigações, põe a responsabilidade nos nossos ombros: “A que deus implorar qualquer ajuda, se sou eu que fabrico as divindades?”. Somente contamos conosco; ninguém mais vem em nosso auxílio. Somos os projetistas e construtores da obra humana. Como esta nunca se conclui, a “arte” tem que continuar e teimar. “Assim”, deduz Vergílio Ferreira, “o artista é maior do que Deus”. Este teve inteira liberdade e nenhum condicionamento para criar, num ápice, a partir do nada e a seu bel-prazer, o objeto da sua escolha; enquanto nós catamos no inexistente e no que é fraco, defeituoso, insuficiente e quebradiço, buscando a completude sem repouso.

O desporto é a forma cultural mais praticada e consumida no universo; logo é enorme o seu potencial para a modelação das pessoas e do seu corpo. Não é, pois, despiciendo um interrogatório acerca das suas várias instrumentalizações e manifestações.

A fealdade desta hora manda retomar a visão do desporto como um domínio da estética, incrementar ensaios e estudos destinados a estabelecer metas e padrões pedagógicos e didáticos, orientadores dos processos de ensino, aprendizagem e treino desportivos.

A tão enfatizada vinculação da educação física e desportiva à saúde e ao combate da obesidade e inatividade é traiçoeira; traz o diabo no ventre. Por esse

viés é obliterada e subestimada a sua mais preciosa valia: o extraordinário e indispensável contributo do desporto para o progresso ético, estético, cívico, gestual e comportamental dos cidadãos e da sociedade.

Necessitamos de passar à ofensiva. O desporto não pode contentar-se em ser um reflexo daquilo que o aperta, cerca, condiciona e desfigura. Tem que reapossar-se do seu ideário de fautor, influenciador e indutor do mundo e da nossa vida, de outro mundo e de outra vida.

Esse empreendimento é deveras relevante se atendermos a algumas das amargas e nítidas marcas desta nossa era líquida (já atrás aflorada):

- destruição dos laços e das instituições de relacionamento inter-humano;
- ressurgimento da visão do Outro como ameaça pestífera, a ser defenestrada e espantada como qualquer praga medieval, com barulho e fogo;
- desintegração gradual da vida social propriamente dita;
- erosão e desaparecimento paulatinas do espaço público, da ágora, da acrópole, da praça e da rua como oportunidades de aprendizagem, comunicação, discussão, negociação e estabelecimento de acordos e normas, de socialização e partilha, de cultivo de relações interpessoais.

No futebol é particularmente evidente que, entre os genes do homem, continuam vivos e de boa saúde os genes do preconceito, da intolerância e indiferença, da dificuldade em aceitar e incluir o Outro, o diferente, o estranho, o estrangeiro. O animal uiva e relincha dentro de nós, espregando o mínimo pretexto para se anunciar. Por este andar, afasta-se e caminha, a sete pés, na direção inversa à das balizas que lhe assinalam a missão de meter golos coloridos e iluminados pelo sol da cultura. Se escutarmos atentamente, ouviremos um coro de vozes de penúria. Oxalá não se chegue a deitar fora conjuntamente o bebé e a água do banho!

Segundo: A cultura e a identidade do Ocidente nasceram do encontro entre Jerusalém, Atenas e Roma: a fé no Deus de Israel, a razão filosófica dos gregos e o pensamento jurídico dos romanos, passando pelo filtro das Luzes do Humanismo e Iluminismo e convergindo na Declaração Universal dos Direitos Humanos de 1948.

O século XX, a par das liberdades e dos formidáveis avanços na ciência e na tecnologia, mostrou que se pode perder o sentido dos limites e colocar a humanidade diante do abismo do mal absoluto: a perda daquilo que constitui a base de tudo, a capacidade de distinguir o bem do mal e de fazer a seleção correspondente. Ora, isso impõe, proclamou Sua Santidade o Papa Bento XVI, o regresso aos princípios da ética e da estética.

Reflitamos, pois, sobre o que andamos a fazer e levantemos a voz para que o homem não perca a condição que o arrancou das cavernas da animalidade.

O desporto existe para realçar o mandamento de sonhar e realizar, para não nos deixar adormecer, individual e socialmente, relativamente aos imperativos existenciais contidos nas considerações anteriores. Se o desporto que vemos não for assim, então sonhemos outro, para sonhar outra vida!

Se ele deixar de ser um campo de cultivo de símbolos e mitos, de ser um bem cultural e de espiritualizar as forças físicas do homem, passará a ser somente um produto utilitário, vendível, comprável e descartável, uma degradação de sonhos. Renunciará a atender à necessidade de superação e transcendência, de abertura e disponibilidade para a admiração, a altura, a contemplação, a espiritualidade, a “arte”, a criação, a estética, a excelência, a *performance*, o encantamento, o empolgação, o espanto, o ilimitado, o divino, o integral, o sagrado, o supramundano. Olharemos então perplexos para a nova condição humana que nele se concretiza.

Terceiro: O futebol está a distanciar-se da *arété* dos gregos e a enveredar por trilhas perigosas, de braço dado com a “civilização do espetáculo”. Está a colaborar na sujeição do mundo ao poder argentário, ao seu calculismo e aos seus escuros e inescrupulosos interesses, bem como na supressão das pontes para o imaterial, o intangível e o espiritual.

O que nos trouxe a dita “civilização do espetáculo”? Prestemos atenção a Mário Vargas Llosa (2012):

“Um mundo onde o primeiro lugar na tabela de valores vigente é ocupado pelo entretenimento e onde divertir-se, fugir ao aborrecimento, é a paixão universal. Este ideal de vida é perfeitamente legítimo, sem dúvida. Só um puritano fanático poderá censurar os membros de uma sociedade que queira dar consolo, descontração, humor e diversão a umas vidas geral-

mente enquadradas em rotinas deprimentes e às vezes embrutecedoras. Mas converter essa propensão natural para passar uns bons momentos num valor supremo tem consequências inesperadas”.

A máxima “*carpe diem*” tem hoje a primazia e constitui a matriz inspiradora da ética indolor ou *light*, do “crepúsculo do dever”, da “obesidade metal”, do ambiente relaxado e indolente, do “relativismo cultural” e do “império do grotesco”⁶.

A “civilização do espetáculo” é a substância do nosso tempo, um tempo de pungente anorexia e depressão moral, de anulação do exigente gosto estético, de gritante angústia espiritual, de aberrante adulteração cultural. Ele está aí para durar e matar, fazendo inteiro jus à observação de Aristóteles: “Quando me interrogaram sobre a diferença existente entre os homens cultos e os incultos, respondi: A mesma diferença que existe entre os vivos e os mortos”.

Em suma, estamos hoje perante a destruição da “alta cultura”, que, sendo propriedade de uma minoria, servia de referência e guia para todos. O método, seguido agora para a dita “democratização” (!) universal da cultura é o da sua deterioração e empobrecimento, tornando-a cada vez mais superficial e terra queimada⁷.

A terrificante desolação manda perguntar: será o espaço público hodierno (jornais, televisão, rádio, ar-

tes, música, futebol e até a universidade) um espaço cultural?

Respondamos como Fernando Pessoa (2006, p. 190), atualíssimo e eterno: “Na vida de hoje, o mundo só pertence aos estúpidos, aos insensíveis e aos agitados. O direito a viver e a triunfar conquista-se hoje quase pelos mesmos processos por que se conquista o internamento num manicômio: a incapacidade de pensar, a amoralidade e a hiperexcitação”.

Antes de Pessoa, já Arthur Schopenhauer tinha tocado nesta ferida, ao apontar a inexistência de atividade interior como causa do “agitacionismo” exterior. De resto, a epidemia da inatividade física, que tanto inquieta a Organização Mundial da Saúde, é acompanhada por uma não menor nem menos grave inatividade mental. Ambas geram obesidade física e mental, isto é, indivíduos atafalhados de gorduras abdominais e de banalidades e superficialidades espirituais.

A paixão e o apego ao futebol elegerão um péssimo destino se contribuirão para anestesiar a necessidade de acordar e de remediar o saque que a “cultura do espetáculo”, da banalização, efemeridade, fragmentação, frivolidade, superficialidade e vulgaridade vem provocando nas últimas décadas, em todas as áreas da atividade. Pouco a pouco, quase sem darmos conta, a cultura da espiritualidade, da erudição, dos arquétipos de elevada conduta cívica e espiritual, ética e estética vai ficando abandonada pelo caminho. Sobrecarregamo-nos de dimensões banais, profanas, efêmeras, supérfluas e voláteis; e empobrecemo-nos de referenciais sagrados, divinos, duradouros e superiores.

Tal como Pascal Mercier (2008), “não quero viver num mundo sem catedrais. Preciso da sua beleza e da sua transcendência. Preciso delas contra a vulgaridade do mundo [...]. Um mundo sem estas coisas seria um mundo no qual eu não gostaria de viver [...]. Preciso delas contra o veneno insidioso do superficial e do supérfluo”.

E M JEITO DE ADVERTÊNCIA Esta é, imperiosamente, uma hora ética e estética, de agudo mal-estar ético e estético. Devido aos ventos do mal e da desgraça que rondam e secam a terra e se abateram sobre as nossas vidas; e também sobre o desporto, com especial incidência e visibilidade no futebol. A crise ética e estética não decorre da falta de um discurso evocativo sobre o problema. Ao invés, de tanto se falar

6 Recentemente entrou na caixa do meu correio eletrônico um texto de Frei Betto, semelhante ao registo de observações feitas em diversos locais e momentos. Eis uma das passagens: “A palavra hoje é ‘entretenimento’; domingo, então, é o dia nacional da imbecilização coletiva. Imbecil o apresentador, imbecil quem vai lá e se apresenta no palco, imbecil quem perde a tarde diante da tela. Como a publicidade não consegue vender felicidade, passa a ilusão de que felicidade é o resultado da soma de prazeres: ‘Se tomar este refrigerante, vestir este tênis, usar esta camisa, comprar este carro, você chega lá!’. O problema é que, em geral, não se chega! Quem cede desenvolve de tal maneira o desejo, que acaba precisando de um analista. Ou de remédios. Quem resiste, aumenta a neurose”.

7 João Ubaldo Ribeiro (2011) é suficientemente explícito a este respeito: “A norma culta, a dominante, a que é ensinada como correta [...] é necessária para preservar e aprimorar a precisão da linguagem científica e filosófica, para refinar a linguagem emocional e descritiva, para conservar a índole da língua, sua identidade e, conseqüentemente, sua originalidade. Ao contrário do que entendi de certas opiniões que li sobre o assunto, a norma culta não tem nada de elitista, é ou devia ser patrimônio e orgulho comuns a todos. Elitismo é deixá-la ao alcance de poucos, como tem sido nossa política”.

nisso, o discurso recorrente banaliza-se, esgota-se nele mesmo, não provoca eco na parede da indiferença.

Por conseguinte, impõe-se repor na ordem do dia uma autêntica remissão discursiva das virtudes atribuídas ao desporto (desenvolvimento moral, *fair-play*, disciplina, esforço, sacrifício, dedicação, aprendizagem do espírito de grupo e dos sentidos do bem, da admiração, do respeito e tolerância do outro, saber competir, ganhar e perder, cooperar e partilhar objetivos comuns, apego à regra, ao correto, ao belo, ao bom e ao verdadeiro, rejeição do falso, do feio e imundo, etc.). Para isso não basta apregoar um deontologismo feito de apelos e lamúrias moralistas, tranquilizador, porém inócuo de consequências. Requer-se a correspondente remissão prática, ou seja, vincular efetivamente a afirmação das crenças, convicções e posições a uma ética da responsabilidade, corresponsabilidade e responsabilização do vasto sujeito plural do desporto, no caso, do futebol (praticantes, dirigentes, técnicos, juízes, jornalistas e comentadores, espectadores, instituições, etc.), que incite a avivar uma consciência de exame de culpas, de ponderação, de prudência e precaução. Mais ainda, exige-se que todos os implicados assumam um compromisso transcendental recíproco, ajuramentado na fidelidade à firme e indefetível observância do mandamento da transcendência e excelência “artística”, técnica, cívica, cultural, estética e moral, constituintes da matriz desportiva.

Urge que os fins extrínsecos não suprimam os fins intrínsecos, antes sejam entendidos como meios e consequências de uma melhor e superior realização destes. Ademais, como noutros setores, os ideais e critérios qualitativos dão maior garantia de nos abeirarmos dos objetivos intrínsecos do que os quantitativos.

Muitas alevisias são cometidas a Karl Marx, um dos maiores filósofos da humanidade. Retenha-se e pratique-se esta máxima por ele formulada: “O homem só realiza as coisas que se propõe”. Esta é uma boa altura para nos propormos coisas decentes, ética e esteticamente edificantes e para as realizarmos; para não nos desculparmos com a proclamação de pias intenções.

Não é lícito confundir o futebol enquanto jogo desportivo com o espetáculo que mediante ele se constitui; nem tampouco lançar sobre este o anátema e a lama de infundados preconceitos e reservas apriorísticos. Do mesmo modo não se pode cerrar os olhos aos rumos tomados pelo último, com impactos inegáveis na confabulação vertida no primeiro. Afinal, como

sustentam os pensadores existencialistas, é a existência que determina a essência; as formas da realidade induzem o conteúdo da essencialidade.

O futebol encontra-se numa encruzilhada, entre uma saída corajosa e reabilitadora e a persistência num marasmo envergonhado que conduz ao abismo. Os seus mandarins e “figurões” têm que escolher e optar, sem interpretações dúbias: ou se integram no universo da cidadania e seriedade ou preferem viver num feudo à parte, dispensado do escrutínio da civilidade, tecido de enganos, enzonas, falcatruas e simulações. Não podem continuar a comportar-se como uma espécie de heróis dotados do “privilégio” da impunidade, de lhes ser consentido e desculgado um tipo de conduta que é proibido e censurado nos outros cidadãos. A responsabilidade dos astros mediáticos não se confina ao palco do jogo; a sua condição de figuras públicas faculta e ocasiona que eles influam para além dele, determinando uma cobrança comportamental que não pode ser atirada para debaixo do tapete.

O fanatismo é injustificável em todos os campos; no futebol não pode ser diferente. É, pois, inaceitável o excesso de tolerância face à violência e mesmo ao terrorismo físico e verbal que campeiam na tribo do futebol, dentro e fora do estádio, ao redor dos jogos, nas declarações e “tiradas” arditas, falaciosas, hipócritas, manhosas e incendiárias, torpes e vis dos dirigentes e técnicos, nos combates dos gladiadores e pirómanos demenciais instalados nos órgãos mediáticos, na sujeira dos arranjos e manobras de bastidores, como se a mentira, a imundície, a insanidade e a selvajaria fossem o fundamento normativo do desporto e a condição *sine qua non* para o sucesso.

A “cultura” da agressão, da beligerância e do insulto, da esperteza e demagogia, da desfaçatez, da falta de decoro, lisura e transparência nos processos e decisões, do ludíbrio e manipulação dos adeptos, cada vez mais emergente ou latente no futebol, ameaça colocar este à margem da bolsa de virtudes, que o desporto é suposto conter no seu substancialismo ético. E rouba-lhe a função alegórica que pode e deve desempenhar num mundo tão necessitado de saber competir com equidade, lealdade, consensualidade e reciprocidade de atitudes e regras. Sem isso, o futebol não pode ser entendido como desporto, como evento civilizado e cultural; incompatibiliza-se com ele.

O futebol está hoje mais próximo do estádio de Olímpia ou do circo de Roma, da *arété* e *paideia* gregas ou da “civilização do espetáculo”? Ainda se mede

por ideais ou já não reconhece quaisquer entraves morais? Sobejam os indícios e sintomas de que a balança se inclina para o segundo lado.

As entidades do futebol (todas, sem exceção!) não podem lavar as mãos, nem fingir de surpresas e inocentes; são cúmplices nesta involução, por conivência

ou complacência, por ação ou omissão. Imploro-lhes que não me obriguem a pô-las no banco dos culpados e réus! E que sopesem bem as consequências das malfetorias que atraem e vão recair sobre o futebol. A bem deste, não descurem, por favor, a advertência de Victor Hugo: “A traição trai o traidor”!

BIBLIOGRAFIA

- ANTUNES, Ricardo. *Os Sentidos do Trabalho: Ensaio sobre a Afirmação e a Negação do Trabalho*. Coimbra, CES/Almedina, 2013.
- BACON, Francis. *Novum Organum ou Verdadeiras Indicações acerca da Interpretação da Natureza*. São Paulo, Abril Cultural, 1979.
- BAUMAN, Zygmunt. *Vida a Crédito*. Rio de Janeiro, Zahar, 2010.
- _____. *Medo Líquido*. Rio de Janeiro, Zahar, 2006.
- BONIFÁCIO, Maria de Fátima. Artigo in *Público*, 11/3/2012.
- CURY, Augusto. *O Vendedor de Sonhos*. São Paulo, Academia de Inteligência, 2008.
- DOMINGUES, Frei Bento. “Uma Grande Polêmica da Quaresma”, in *Público*, 3 de abril de 2011, p. 33.
- GALEANO, Eduardo. *Futebol ao Sol e à Sombra*. Porto Alegre, L&PM, 2004.
- INGENIEROS, José. *O Homem Mediocre*. Campinas, Edicamp, 2003.
- LLOSA, Mário Vargas. *A Civilização do Espetáculo*. Lisboa, Quetzal, 2012.
- MERCIER, Pascal. *Comboio Nocturno para Lisboa*. 2ª ed. Lisboa, Dom Quixote, 2008.
- NOGUEIRA, Alberto Pinto. “A Cultura Popular e o FC Porto”, in *Público*, 6/6/2013.
- ORTEGA Y GASSET. *El Origen Deportivo del Estado*. Corunha, Edición Inef Galicia/ Universidade da Corunha, 2011.
- PESSOA, Fernando. *O Livro do Desassossego*. Organização de Richard Zenith. São Paulo, Companhia da Letras, 2006.
- QUINTANA, Mário. *Agenda Poética*. Porto Alegre, Globo, 1988.
- RIBEIRO, João Ubaldo. “Observações de um Usuário”, in *O Estado de S. Paulo*, 29 de maio de 2011.
- TOSTÃO. “Fascínio pelo Novo”, in *Folha de S. Paulo*, caderno Esporte, 27 de julho de 2005.